

Diário Íntimo de Lima Barreto: autobiografia de uma identidade negra

Doutoranda Luciany Aparecida Alves Santos¹ (UFPB)

Resumo:

Lima Barreto marcou sua cor, em suas narrativas, num período em que “apagar a cor” era “medida” necessária para ser aceito na intelectualidade literária de então. Esse comportamento foi acompanhado por dilemas e conflitos entre “a projetada inclusão e a realidade da exclusão social” (SCHWARCZ, 2011). Analisando o Diário Íntimo do escritor, notamos que ele vivia no lugar do infortúnio e do “descentramento” (HALL, 2003). Sentimentos que parecem revelar o desequilíbrio e a instabilidade do eu numa invariável sensação de deslocamento e sujeição. Nesta comunicação pretendemos analisar a identidade negra do escritor a partir de leituras de seu Diário Íntimo, estabelecendo aproximações com sua ficção, como no conto O filho da Gabriela e no romance Recordações do escrivão Isaías Caminha, observando em suas letras as crises de uma identidade negra em finais do séc. XIX e começo do séc. XX.

Palavras-chave: Lima Barreto, Diário Íntimo, identidade negra, racismo.

1 Introdução

Considerarei a rua, as casas, as fisionomias dos transeuntes.
Olhei uma, duas, mil vezes, os pobres e os ricos.
Eu estava só.

Lima Barreto, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.

Neste artigo estabeleceremos aproximações entre a vida de Lima Barreto, reveladas em seu “Diário Íntimo”, e seus personagens: “Horácio” do conto “O filho da Gabriela” e “Isaias Caminha” do romance “Recordações do escrivão Isaías Caminha”. Três narrativas, que revelam três enredos de solidão. No primeiro, o Diário Íntimo o escritor revela sua vida, suas experiências com o racismo, sua melancolia em ver derrotado seus sonhos. No segundo, é contada a história do menino Horácio, negro pobre apadrinhado por família branca e rica, o enredo revela suas angustias e instabilidades emocionais. O terceiro é a trajetória da decadência dos sonhos de vida do adulto Isaías Caminha. Protagonistas negros que sofreram racismo, sujeitos que revelam sentimentos de descentramento e de não pertencimento ao mundo que vivem são características que unem os personagens principais das três narrativas, ser Lima Barreto o mesmo autor é a pista que nos leva a estabelecer aproximações entre suas experiências de vida e seus personagens.

Segundo Lilia Moritz Schwarcz, para Lima Barreto “escrever significava atuar e apresentar-se socialmente.” A autora afirma que na obra do escritor “as separações canônicas entre ficção e não

ficção, realidade e imaginação, são muitas vezes fugidias”, por esse motivo, em alguns momentos a obra barretiana “ganha um caráter (...) biográfico e, de modo declarado, o escritor não se desloca da ficção; na verdade, a invade com todas as contradições próprias desse tipo de empreendimento criativo.” Aí está, pois, afirma Lilia Schwartz “uma literatura de oposição ou por oposição que, ao produzir a ficção, cria, ao mesmo tempo, o artista a partir da noção de não pertencimento e de exclusão” (SCHWARCZ, 2011, p.15-16-17).

Com isso, não significa que sabendo da vida do escritor se venha a ter posse de todo o entendimento de sua obra literária. Haja vista que a biografia não serve para explicar de modo mecânico a literatura, mas desconsiderá-la muitas vezes leva à fetichização do texto, ou à construção da figura de gênio romântico, deslocado de seu contexto. No caso de Lima Barreto, a atitude de separação de sua história é quase um equívoco, pois significa abrir mão do próprio fundamento dessa literatura (SCHWARCZ, 2011, p.22).

Sendo Lima Barreto um escritor negro na cor e no discurso num período em que “‘apagar a cor’ era medida cautelosa e necessária” para ser aceito na intelectualidade literária, se negar a esse comportamento era “viver em permanente dilema, conflito e contradição entre a projetada inclusão e a realidade da exclusão social.” Ver sua escrita literária reconhecida foi, para o escritor Lima Barreto, motivo de vida e de morte, mesmo não alcançando a fama desejada enquanto vivo o escritor não se dissolveu do seu ímpeto em produzir uma literatura que se “pretendia negra, suburbana e pobre. Numa época em que mais se exalava a abolição do que se lembrava do ‘passado’ escravocrata,” optar por uma escrita negra que se punha a mostra, revelando suas próprias origens pode ter sido, para Lima Barreto, um meio de superar a discriminação racial. (SCHWARCZ, 2011, p.23-24-29). Em seu Diário Íntimo são várias as cenas que apresentam casos explícitos de racismo sofridos pelo autor:

Hoje, comigo, deu-se um caso que, por repetido, mereceu-me reparo. Ia eu pelo corredor afora, daqui do Ministério, e um soldado dirigiu-se a mim, inquirindo-me se era contínuo. Ora, sendo a terceira vez, a coisa feriu-me um tanto a vaidade, e foi preciso tornar-me de muito sangue frio para que não desmentisse com azedume. (DIÁRIO ÍNTIMO, p.15).

Fui a bordo ver a esquadra partir. Multidão. Contato pleno com meninas aristocráticas. Na prancha, ao embarque, a ninguém pediam convite; mas a mim pediram. Aborreci-me. Encontrei Juca Floresta. Fiquei tomando cerveja na banca e saltei. É triste não ser branco (DIÁRIO ÍNTIMO, p. 57).

Segundo Cuti o embate com a discriminação racial gera um profundo trauma no discriminado, que a partir desse contato, tem desencadeado dentro de si duas dinâmicas: a de introversão e a de extroversão. Como o racismo é uma experiência de rejeição que não “se realiza como reprovação a traços de caráter, à qual o sujeito pode responder com correções de personalidade ou adaptações ao padrão vigente. A discriminação, com base na raça, é uma recusa existencial, para a qual não é permitida correção.” O indivíduo discriminado movido pela introversão, projeta-se para dentro de si mesmo como mecanismo de defesa do mundo que o exclui. (CUTI, 2009, p. 111).

Guardado dentro de si mesmo, “em face da hostilidade do meio, no qual sonhava inserir-se de forma pacífica e feliz, tendo sido instado a pensar em sua dor” (CUTI, 2009, p. 112) constantemente, o indivíduo inicia um outro movimento o da extroversão:

O movimento extrovertido se dá porque o indivíduo aprendeu a resistir, ganhou flexibilidade e pode, por vislumbrar, empreender a luta da própria libertação. Nessa

investida de extroversão, situa-se o ato de elaborar a escrita e, nela, a criação literária (CUTI, 2009, p.112).

Após, o indivíduo discriminado completar seu movimento de extroversão, a escrita literária pode ser um caminho escolhido para a sublimação da dor e do trauma. Talvez, pode ter sido esse o caminho escolhido por Lima Barreto, que através de seus personagens dividiu suas dores.

2 Lima Barreto em: “Horácio”

O conto “O filho da Gabriela”, ambientado no Rio de Janeiro de finais do século XIX e começo do século XX, narra a história de Horácio, filho de Gabriela, que foi apadrinhado pelos padrões da mãe, ainda criança. O menino Horácio como o escritor Lima Barreto, segundo o revelado no Diário Íntimo, é apresentado como uma criança melancólica e solitária que tinha rompantes de emoção.

Pelos seis anos, mostrava-se taciturno, reservado e tímido, olhando interrogativamente as pessoas e coisas, sem articular uma pergunta. Lá vinha em dia, porém, que o Horácio rompia numa alegria ruidosa; punha-se a correr, a brincar, a cantarolar, pela casa toda, indo do quintal para as salas, satisfeito, contente, sem motivo e sem causa (BARRETO, 2011, p.101).

Como Lima Barreto o personagem do conto também perde a mãe aos sete anos de idade e a partir dessa perda, a melancolia torna-se definitivamente sua companheira. O personagem Horácio, agora sozinho, passa a viver, como apadrinhado na casa que a mãe trabalhava.

Pouco depois a mãe lhe morria. Até então vivia numa semidomesticidade. Daí em diante, porém, entrou completamente na família do conselheiro Calaça. Isso, entretanto, não lhe retirou a taciturnidade e a reserva; ao contrário, fechou-se em si e nunca mais teve crises de alegria (...) Ia para o colégio calado, taciturno, quase carrancudo, e, se, pelo recreio, o contágio obrigava-o a entregar-se à alegria e aos folguedos, bem cedo se arrependia, encolhia-se e sentava-se, vexado, a um canto (BARRETO, 2011, p. 101-102).

Francisco de Assis Barbosa, no livro “A vida de Lima Barreto” diz, sobre a vida escolar do romancista: “Foi aluno aplicado, levava as lições a sério. E ainda, como o Horácio do conto, devia ir para o colégio ‘calado, taciturno, quase carrancudo’. Não gostava de brincar, conta a sua irmã Evangelina” (BARBOSA, 2002, p.62). No conto, Barreto diz de Horácio, “voltava do colégio como fora, sem brincar pelas ruas, sem traquinadas, severo e insensível” (BARRETO, 2011, p. 102). Ao aproximarmos a vida do escritor com a vida de seu personagem observamos como eles se parecem, como um diz do sentimento do outro. O menino do conto é triste. Horácio não se entendia no mundo. Por que existia no personagem esse sentimento de “desarticulado” no mundo que estava vivendo? O narrador parece nos responder esta pergunta na cena que o menino ao voltar da escola é surpreendido por uma visita em casa que ao vê-lo entrar na sala e dirigir-se a dona da casa tomando-lhe a bênção, perguntou: “‘Quem é este pequeno?’ ‘ – É meu afilhado’, disse-lhe dona Laura. ‘Teu afilhado? Ah! sim! É o filho da Gabriela...’ Horácio ainda esteve um instante calado, estatelado e depois chorou nervosamente” (BARRETO, 2011, p.104).

Horácio não se sentia adequado ao mundo que frequentava, pois este mundo lhe apontava

como estranho. A pessoa que visita a casa do Conselheiro Calaça, é surpreendida pela presença de um menino na sala em trajes escolares que toma a benção da dona da casa. O que surpreende o olhar dessa visita é o fato do pequeno ser negro. Por isso a pergunta: “Quem é este pequeno?” e, em seguida o alívio do susto: “Ah! sim! É o filho da Gabriela”. Conhecendo o estilo do escritor, e as relações de sua escrita, com as experiências de sua vida, podemos supor que a sequências das perguntas sugerem o seguinte subtexto: Quem é este negro? Seu filho?? Ah o filho da empregada!! O questionamento da visita desencadeia uma crise de identidade no personagem. Ao inquirir sobre o que poderia ser tomado como certo – ele fazer parte da casa dos Calaças – é colocanda em falso sua pertença naquele espaço. Segundo Kobena Mercer “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER, 1990, p. 43, apud HALL, 2003, p.9).

Esse percurso interpretativo, possível crise de identidade do personagem, é confirmado pelo autor nas cenas seguintes do conto. Primeiro na manhã em que Horácio contesta o Conselheiro:

Certa manhã, ao entrar na sala de jantar, deu com o padrinho a ler os jornais, segundo o seu hábito querido.

- Horário, você passe na casa do Guedes e traga-me a roupa que mandei consertar.
- Mande outra pessoa buscar.
- O quê?
- Não trago.
- Ingrato! Era de esperar...

E o menino ficou admirado de si mesmo, daquela saída de sua habitual timidez (BARRETO, 2011, p.106-107).

Essa cena em que Horácio contesta o padrinho é a cena que principia o seu calvário, a sequência de sentimentos que o leva ao ápice de sua crise, ao desequilíbrio de si. Ao mesmo tempo, que ele tem seu lugar naquela casa posto em dúvida, ele se sente em dívida com aquelas pessoas por estar ali. O personagem entra em crise – se não é daquela casa, por que teria que obedecer as regras? Ao mesmo tempo se não for daquele espaço, de onde será? A dúvida põe Horácio “abatido, preso de um estranho sentimento de repulsa, de nojo por si mesmo. Fora ingrato, de fato; era um monstro.” (BARRETO, 2011, p.107). Na cena seguinte o autor confirma nossas suposições e as crises de identidades do personagem são reveladas.

O rapaz, deitado, com os olhos semicerrados, parecia não ouvir; voltava-se de um lado para o outro; passava a mão pelo rosto, arquejava e debatia-se. Um instante pareceu sossegar; ergueu-se sobre o travesseiro e chegou a mão aos olhos, no gesto de quem quer avistar alguma coisa ao longe. A estranheza do gesto assustou a madrinha.

- Horário!... Horário!...
- Estou dividido... Não sai sangue...
- Horário, Horário, meu filho!
- Faz sol... Que sol!... Queima... Árvores enormes... Elefantes...
- Horário, que é isso? Olha; é tua madrinha!
- Homens negros... fogueiras... Um se estorce... Chi! Que coisa!... O meu pedaço dança...
- Horário! Genoveva, traga água de flor... Depressa, um médico... Vá chamar, Genoveva!

- Já não é o mesmo... é outro... lugar, mudou... uma casinha branca... carros de bois... nozes... figos... lenços...
- Acalma-te, meu filho!
- Ué! Chi! Os dois brigam... (BARRETO, 2011, p.108).

Horácio em transe, em febre, revela-nos suas crises de identidades. O desequilíbrio gerado pelo racismo, que o coloca sempre no lugar de desconforto em relação ao mundo que vive. O trecho destacado apresenta o delírio do personagem em ser dois. As imagens sugerem dois mundos um composto por – sol, árvores enormes, elefantes, homens negros, fogueiras, dança – poderia ser uma referência a imagens de África; o outro composto por – casinha branca, carros de boi, nozes, figos, lenços – poderia sugerir imagens que se relacionem a Portugal. Dois mundos, dois corpos que brigam entre si, é como se o motivo da briga fosse a posse daquela identidade.

3 Lima Barreto em: “Isaías Caminha”

Isaías Caminha é o narrador do romance “Recordações do escrivão Isaías Caminha”. Nesse livro o personagem conta suas memórias de garoto negro oriundo do interior do Rio de Janeiro que desloca-se para a capital impulsionado pelo sonho de tornar-se doutor. Isaías narra seus sonhos desfeitos e sua tristeza no embate com o racismo. É inegável nesse romance, as aproximações entre as narrações ficcionais e a vida de Lima Barreto. Sonhos de sucesso, nutridos pelo personagem, também eram demonstrados pelo autor em seu Diário Íntimo. Isaías recorda que no início de seus sonhos, “ouvira uma tentadora sibila” falar-lhe “a toda a hora e a todo instante” na sua “glória futura” (BARRETO, 2011, p. 68). No entanto, desde os primeiros momentos no Rio de Janeiro, palco no qual o personagem havia sonhado estreitar suas aspirações, as decepções e melancolias tomam a cena.

Foram de imensa angústia esses meus primeiros dias no Rio de Janeiro. Eu era como uma árvore cuja raiz não encontra mais terra em que se apóie e donde tire vida; era como um molusco que perdeu a concha protetora e que se vê a toda a hora esmagado pela menor pressão (BARRETO, 2011, p. 107).

Isaías ao comparar suas angústias a uma árvore que não tem mais terra na qual possa encostar suas raízes ou molusco que perdeu a concha, nos remete as crises de identidades de Horácio, que também sentia-se desamparado, sem espaços – casa, escola ou rua – que lhe proporciona-se segurança. Esses personagens são apresentados no lugar do infortúnio e do descentramento. Interpretações que podem ser compreendidas e reafirmadas a partir da análise da vida do próprio Lima Barreto que nutria um sentimento de despatriamento em relação ao país que vivia – situação revelada em vários textos de sua obra. Sentimentos que parecem revelar o desequilíbrio a instabilidade do eu numa invariável sensação de deslocamento e de sujeição. Segundo Stuart Hall

esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo (HALL, 2003, p.9).

Como na crise desencadeada por Horácio, as angústias do personagem Isaías Caminha também podem ser relacionadas com uma crise de identidade. O escritor Lima Barreto fala de si

mesmo, de sua própria vida e angústias, essa ação gera em sua obra e em sua vida convulsões, que na escrita o levam a não conseguir fugir de si mesmo e que na vida real o levam a uma gastação de si.

Por esse bulício sem fim, é tema na vida e na obra de seus personagens a loucura e ou o suicídio. Ao final do conto “O filho da Gabriela” a sugestão que fica ao leitor é a loucura de Horácio. No romance “Recordações do escrivão Isaias Caminhas” o que aparece para compor as cenas de desespero e desequilíbrio do personagem, são as sugestões ao suicídio, como observado no trecho abaixo extraído do romance:

Quis descansar, debrucei-me na muralha do cais e olhei o mar. Estava calmo; a limpidez do céu e a luz macia da manhã faziam-no aveludado. Os últimos sinais da tempestade da véspera tinham desaparecido. Havia satisfação e felicidade no ar, uma grande meiguice, tudo respirava; e isso pareceu-me hostil. Continuei a olhar o mar fixamente, de costas para os bondes que passavam. Aos poucos ele hipnotizou-me, atraiu-me parecia que me convidava a ir viver nele, a dissolver-me em suas águas infinitas, sem vontade nem pensamentos (...) fora do domínio dos homens, completamente livre, completamente a coberto de suas regras e dos seus caprichos... Tive ímpetos de descer a escada, de entrar corajosamente pelas águas adentro, seguro de que ia passar a uma outra vida melhor, afagado e beijado constantemente por aquele monstro que era triste como eu. (BARRETO, 2011, p. 145)

O desejo de esvair-se do mundo aparece como solução às decepções vividas pelo personagem Isaias Caminha. No Diário Íntimo de Lima Barreto, esse mesmo desejo se faz presente:

Desde menino, eu tenho a mania do suicídio. Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe, quando eu fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar. Foi desde essa época que eu senti a injustiça da vida, a dor que ela envolve (...) Outra vez que essa vontade me veio foi aos onze anos ou doze, quando fugi do colégio. Armei um laço numa árvore lá do sítio da ilha, mas não me sobrou coragem para me atirar no vazio com ele ao pescoço. (...) Há dias que essa vontade me acompanha; há dias que ela me vê dormir e me saúda ao acordar. Estou com vinte e sete anos (DIÁRIO ÍNTIMO, p.59-60).

Isaias Caminha revela em suas recordações o desespero e a tristeza de sentir-se fora do seu mundo.

Passei o resto do dia vagueando. (...) Fui ao passeio Público. Entrei e sentei-me num banco afastado, fora do caminho habitual dos visitantes (...) não reparei que uma pessoa viera sentar-se no mesmo banco que eu. Num dado momento, virei-me e dei com uma rapariga de cor, de olhos tristes e feições agradáveis. Tinha uma bolsinha na mão, um chapéu de sol de alpaca e o vestuário era pobre. Considerei-a um instante e continuei a ler o livro, cheio de uma natural indiferença pela vizinha. A rapariga começou a murmurar, perguntou-me qualquer coisa que respondi sem me voltar. Subitamente, depois de fazer estalar um desprezível muxoxo, disse-me ela à queima roupa:

- Que tipo! Pensa mesmo que é doutor...

Fechei o livro, levantei-me e, já afastado, ainda ouvi dela alguns desaforos. Cheguei ao portão. Os bondes passavam, havia um grande movimento de carros e pedestres. Considerei a rua, as casas, as fisionomias dos transeuntes. Olhei uma, duas, mil vezes, os pobres e os ricos.

Eu estava só (BARRETO, 2011, p. 147-148).

Isaías Caminha está só, entre os seus de cor e classe, e entre os diferentes. No espaço que desejaria alcançar, lugar dos doutores, ele é o “indesejado de cor”, entre os seus de origem ele é o tirado a doutor. O indivíduo não é ninguém. Não consegue completude identitária em nenhum dos espaços sociais que circula, e passa a desejar morte.

Conclusão

Os personagens observados neste artigo são indivíduos que sentem-se descentrados de seu próprio eixo, sem roda ou terra que os amparem. Observamos que os personagens e o escritor se misturam. A invenção parece apresentar-nos seu inventor. De sua memória sugerem seus personagens suas histórias, seus enredos. Horácio, Isaías Caminha, Lima Barreto, as imagens desses três que se cruzam, como espelhos quebrados que tiveram seus pedaços separados na intenção de que alguém pudesse juntar. Se ver junto, uno, num só pedaço, num só espaço, parece ser a ânsia das angústias dos indivíduos que vivem no descentramento e na rejeição.

Lima Barreto parece “inaugurar o modelo auto-biográfico de escrita, falando sobre recordações” (SCHWARCZ, 2011, p.38), sobre suas experiências com o racismo. Escrever para este autor pode ter sido mecanismo de libertação de suas próprias angustias. Nesse sentido, considerar o biográfico para estudos da obra de Lima Barreto é ampliar essa obra, é atualizar sua temática.

Os personagens barretianos são indivíduos multiplicados, são seres que tem seus espaços internos dilacerados. A cada cena, é como se houvesse uma explosão dentro do enredo, ou ainda, dentro do personagem. As melancolias dos personagens se multiplicam, extrapolam a narrativa, gerando no leitor um desconforto um infortúnio. O autor como que presentindo as angústias dos leitores, vai afunilando a escrita, deixando seus “heróis” abatidos, sem saída, sem mundo, sem casa, sem país. A narrativa confunde o leitor que se abate, entristece, se revolta e quem sabe se modifica. É essa a sempre novidade da literatura de Lima Barreto, ela incomoda o leitor até este se questionar “o mundo não deveria ser assim”.

Lima Barreto parece ter cumprido sua função literária. O escritor viveu sua escrita, dissolveu-se em suas narrativas. A ponto de sentimo-lo em seus personagens, sua angústia não se foi com ele, mas ficou no mundo, atualizando-se como a memória do que se viveu e que se é relatado em tempo distante.

Referências Bibliográficas

- 1] BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 8^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- 2] BARRETO, Lima. O filho da Gabriela. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org. e intr.). **Contos completos de Lima Barreto**. 1^a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- 3] BARRETO, Lima. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. 2^a ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- 4] CUTI. **A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e de Lima Barreto**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

- 5] CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- 6] **DIÁRIO ÍNTIMO**. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000066.pdf> > Acesso em: 14 mar. 2012.
- 7] GALLE, Helmut, Org. e Outros. **Em primeira pessoa: abordagens de uma teoria da autobiografia**. São Paulo: Annablume; Fapesp; FFLCH, USP, 2009.
- 8] HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- 9] MORAIS, Regis de. **Lima Barreto: o elogio da subversão**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- 10] SCHWARCZ, Lilia Moritz. Introdução – Lima Barreto: termômetro nervoso de uma frágil república. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org. e intr.). **Contos completos de Lima Barreto**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- 11] SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- 12] WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

i Luciany Santos **Doutoranda**
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA)
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)
luciany.aparecida@hotmail.com